INTRODUÇÃO À **HERMENÊUTICA** E À **EXEGESE** DA EPÍSTOLA AOS **EFÉSIOS**

J. S. Nascimento

Nascimento Editora

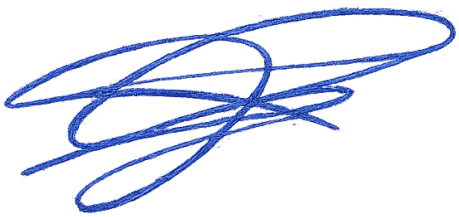
Submissa à Palavra — Fiel à Confissão — Serva da Verdade

Ass: J. S. Nascimento †

Jairo de Sousa Nascimento†

O documento está assinado e certificado pelo Gov.br, com integridade garantida no padrão ICP-BRASIL.
Assinaturas eletrônicas e físicas têm igual validade legal, conforme **MP 2.200-2/2001 e Lei 14.063/2020.**

Como validar essa assinatura: *Renomeie este Arquivo para:* **Efésios_*assinado.pdf*** *Assesse o link: https://validar.iti.gov.br/ Concorda com os termo de responsabilidade, e anexe o Arquivo Renomeado, depois só Clique em* ***Validar***



SOBRE A EDITORA

A Nascimento Editora possui identidade confessional definida, operando integralmente sob uma cosmovisão cristã reformada, ***submissa à Autoridade Suprema das Santas Escrituras como Regra infalível de Fé e Prática.*** Toda tradição teológica é recebida de forma subordinada à Palavra de DEUS, com especial adesão aos Símbolos de Fé da tradição reformada, particularmente à ***Confissão de Fé de Westminster*** e aos seus Catecismos.

Toda a produção da Nascimento Editora converge para o Soli Deo Gloria: a glória exclusiva do DEUS Trino — PAI, FILHO e ESPÍRITO SANTO — na criação, na redenção e na consumação de todas as coisas. Como está escrito: “Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém” (Romanos XI:xxxvi).

A Nascimento Editora não se considera dona da verdade, mas serva da Palavra. Suas publicações são oferecidas à Igreja para exame, sempre segundo o princípio: “Examinai tudo; retende o bem” (I Tessalonicenses V:xxi).

Sábado, 18 de julho de 2026

Nascimento Editora

Submissa à Palavra — Fiel à Confissão — Serva da Verdade

INTRODUÇÃO À HERMENÊUTICA

A. PRÓLOGO À HERMENÊUTICA

A Epístola do Santo Apóstolo Paulo aos que estão em Éfeso não é uma carta meramente ocasional, endereçada a uma comunidade local com problemas particulares, como se vê em Coríntios ou Gálatas. Trata-se, antes, de um tratado teológico de envergadura celeste, uma exposição orgânica e sistemática do mistério da vontade divina, revelado em CRISTO JESUS, desde os decretos eternos até a consumação de todas as coisas. Nela, o apóstolo, arrebatado pela grandeza da graça, ergue os olhos do crente das misérias da condição terrena para as riquezas insondáveis da eleição, da redenção e da herança nos lugares celestiais. Esta epístola é o coração do corpus paulino, o cume da revelação neotestamentária acerca da Igreja como Corpo de CRISTO, e o espelho no qual a face do DEUS Trino reflete o propósito eterno de reunir todas as coisas no FILHO.

O presente estudo não se contenta com uma análise superficial de cada versículo, mas busca penetrar nas entranhas do texto, guiado pela fé que é dom de DEUS e iluminado pelo mesmo ESPÍRITO que inspirou o apóstolo. Procedemos com reverência, certos de que a Escritura é autopistós — auto-autenticadora — e que sua clareza essencial, nos pontos centrais da fé, não dispensa o trabalho diligente de comparar as coisas espirituais com as espirituais. E, porque toda a realidade é existência comunicada e sustentada momento a momento pela Palavra de DEUS, o estudo de Efésios não é um exercício acadêmico estéril, mas um ato de dependência viva, no qual o entendimento do intérprete é mantido pelo mesmo Verbo que sustenta os céus.

B. AUTORIA, DATA E CIRCUNSTÂNCIAS HISTÓRICAS

A autoria paulina da Epístola aos Efésios é firmemente atestada pela tradição mais antiga da Igreja e pelo próprio texto, que se apresenta como escrito por Paulo, apóstolo de JESUS CRISTO pela vontade de DEUS (Eph. I, i). Ainda que críticos modernos tenham levantado dúvidas, fundamentadas em supostas diferenças estilísticas e vocabulário peculiar, tais objeções não têm peso quando se reconhece a liberdade do apóstolo em tratar temas elevados com linguagem apropriada à sua matéria. O ESPÍRITO SANTO, que moveu os escritores sagrados, não os reduziu a autômatos, mas empregou suas capacidades, conhecimentos e contextos para produzir a inerrante Palavra de DEUS. Assim, a mão de Paulo é a mesma que escreveu Romanos e Coríntios, ainda que o sopro divino o tenha elevado, em Efésios, às alturas da contemplação dos conselhos eternos.

Quanto à data, a epístola foi composta, muito provavelmente, durante o primeiro cativeiro romano do apóstolo, por volta dos anos 60–62 d.C. Paulo encontra-se preso, mas não abatido; algemado, mas não silenciado. Das prisões de Roma, ele escreve não com lamentos, mas com hinos; não com queixas, mas com revelações. A menção

de ser “o prisioneiro de CRISTO por vós, gentios” (Eph. III, i) aponta para uma situação de confinamento, mas também para uma consciência apostólica de que suas cadeias são instrumentos do progresso do Evangelho. As circunstâncias históricas imediatas incluem, pois, a hostilidade do Império contra a fé cristã, a tentação do desânimo entre os crentes, e a necessidade de firmá-los na esperança que não se envergonha.

É digno de nota que a epístola, embora endereçada à igreja em Éfeso, traz um caráter encíclico — uma carta circular destinada a várias comunidades da Ásia Menor, como sugere a ausência de saudações pessoais em um livro onde o apóstolo passara três anos. Esta universalidade do endereçamento corresponde à universalidade do tema: a Igreja como Corpo de CRISTO, em que judeus e gentios são feitos um, e a reconciliação cósmica em CRISTO.

C. PROPÓSITO E TEMA CENTRAL

O propósito imediato de Paulo ao escrever é edificar a fé dos santos e fortalecê-los na certeza da sua posição em CRISTO. Mas o propósito mediato — e aqui alcançamos a intenção do ESPÍRITO — é expor o grande mistério da vontade divina, escondido desde os séculos em DEUS, e agora revelado na economia da graça: a saber, que todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra, seriam congregadas em CRISTO, como Cabeça de todas as coisas, e que a Igreja, Seu Corpo, é a plenitude daquele que cumpre tudo em todos.

O tema central, portanto, é a soberania da graça de DEUS na redenção e a unidade de todas as coisas em CRISTO. Este tema bifurca-se, como um rio que irriga dois vales: de um lado, a doutrina da eleição eterna, da predestinação, da adoção e da herança, revelando que a salvação procede integralmente do beneplácito divino; de outro, a formação da Igreja como Corpo de CRISTO, onde judeus e gentios, outrora separados, são reconciliados em um só homem novo. Paulo não escreve para satisfazer curiosidades especulativas, mas para que os crentes saibam qual é a esperança do seu chamamento, e quão grande é o poder que opera neles.

Em Efésios, a teologia não é um fim em si mesma; ela é o combustível da piedade. A doutrina da predestinação não leva à presunção, mas ao louvor da glória da graça. A doutrina da Igreja não gera orgulho sectário, mas humildade e amor. E a doutrina da vida cristã não é um código moral abstrato, mas a manifestação prática da nova criação, pois os crentes são feitura de DEUS, criados em CRISTO JESUS para as boas obras, que DEUS preparou de antemão para que andassem nelas.

D. ESTRUTURA LITERÁRIA E TEOLÓGICA

A estrutura de Efésios é magistralmente arquitetada, dividindo-se em duas metades claras, que correspondem à dupla ênfase do apóstolo: a doutrina (capítulos I–III) e a prática (capítulos IV–VI). A primeira parte estabelece o que DEUS fez e faz pelo crente em CRISTO, no passado eterno, no tempo presente e nas alturas celestiais. A segunda parte extrai as implicações práticas: se os crentes estão em CRISTO, devem andar como quem está em CRISTO.

A estrutura geral pode ser assim delineada:

I. A Doutrina da Salvação (Capítulos I–III)

- **Capítulo I:** A ação soberana do DEUS Triúno — eleição do PAI, redenção do FILHO, selo do ESPÍRITO. A oração pela iluminação espiritual, para que os crentes conheçam a esperança, a riqueza da glória e o poder eficaz de DEUS, demonstrado na ressurreição e exaltação de CRISTO como Cabeça sobre todas as coisas.
- **Capítulo II:** A condição passada do homem — morto em delitos e pecados — e a ação vivificadora de DEUS, que o ressuscitou com CRISTO e o assentou nos lugares celestiais. A reconciliação de judeus e gentios em um só corpo, derrubando a parede da separação, e a edificação da Igreja como templo santo.
- **Capítulo III:** O mistério revelado a Paulo — a inclusão dos gentios na mesma promessa. A oração pela fortaleza interior, para que CRISTO habite no coração pela fé, e os crentes sejam cheios de toda a plenitude de DEUS.

II. A Prática da Vida Cristã (Capítulos IV–VI)

- **Capítulo IV:** A unidade do Corpo e os dons do CRISTO ascendido. O chamado ao andar digno da vocação, com humildade, mansidão, longanimidade, e a edificação do Corpo na verdade e no amor. O despojar do velho homem e o revestir do novo.
- **Capítulo V:** A imitação de DEUS como filhos amados, a santidade, a gratidão, e a submissão mútua no temor de CRISTO. A instrução sobre o matrimônio como grande mistério de CRISTO e da Igreja.
- **Capítulo VI:** As relações familiares — pais e filhos, senhores e servos — e, por fim, a armadura de DEUS, como o equipamento espiritual para a batalha contra as hostes malignas, coroada pela oração vigilante.

Esta estrutura não é arbitrária, mas responde à lógica da nova criação: primeiro, o ser em CRISTO; depois, o agir em CRISTO. Primeiro, a posição; depois, a prática. Primeiro, a graça que salva; depois, a graça que santifica. E todas as seções são

atravessadas pela consciência de que a Igreja é o teatro da glória divina, onde DEUS manifesta, não apenas aos homens, mas aos principados e potestades nos lugares celestiais, a multiforme sabedoria do Seu propósito.

E. TEMAS TEOLÓGICOS EXTRAÍDOS DO LIVRO

A Epístola aos Efésios, sendo uma mina inesgotável de ouro doutrinário, apresenta um conjunto de temas que se entrelaçam como os fios de um bordado celeste. Não se tratam de tópicos isolados, mas de aspectos de uma única realidade: a obra redentora do DEUS Triúno em CRISTO, aplicada à Igreja e consumada na glória. Extraímos, pois, os seguintes temas fundamentais:

i. A Eleição Eterna e a Soberania da Graça. Paulo não hesita em lançar os alicerces da salvação nos conselhos divinos anteriores à fundação do mundo. A eleição é incondicional, não fundada em méritos previstos, mas no puro beneplácito da vontade divina, para que a glória da graça resplandeça. A predestinação para adoção de filhos, segundo o propósito da Sua vontade, é o coração da epístola. Aqui, a soberania de DEUS é afirmada sem reservas, e o crente é chamado a prostrar-se em adoração, não a disputar com o Criador. Tal doutrina, longe de ser uma especulação árida, é a âncora da segurança do crente, pois sua salvação repousa não na instabilidade de sua própria vontade, mas na imutabilidade do conselho divino.

ii. A União com CRISTO e as Bênçãos nos Lugares Celestiais. Uma das expressões mais características de Efésios é a locução “em CRISTO” ou “NEle”, que ocorre dezenas de vezes. O crente não é alguém que meramente crê em CRISTO à distância; ele está em CRISTO, vital e organicamente unido a Ele. Esta união é a fonte de todas as bênçãos espirituais: a eleição, a redenção, o perdão, a adoção, a herança, o selo do ESPÍRITO. E estas bênçãos são concedidas “nos lugares celestiais” — uma expressão que designa a esfera espiritual onde CRISTO reina e onde o crente já está assentado com Ele, ainda que peregrine na terra. Esta é a doutrina da existência comunicada em seu mais alto grau: o crente não tem vida própria, mas sua vida está escondida com CRISTO em DEUS.

iii. A Igreja como Corpo Místico e Plenitude de CRISTO. Se o capítulo I nos eleva às alturas da eleição, os capítulos seguintes nos mostram o propósito terreno e cósmico dessa eleição: a formação da Igreja. A Igreja não é uma associação voluntária, mas o Corpo do qual CRISTO é a Cabeça. Esta metáfora orgânica enfatiza a dependência total dos membros em relação à Cabeça, a unidade vital entre si, e o crescimento conjunto. Mais ainda: a Igreja é “a plenitude daquele que cumpre tudo em todos”. Expressão ousada e sublime, que não significa que a Igreja complete uma deficiência

em CRISTO, mas que CRISTO, como Cabeça, manifesta Sua plenitude através do Corpo, que é o instrumento de Sua atuação no mundo.

iv. A Reconciliação e a Criação de um Novo Homem. O grande problema cósmico não é apenas a inimizade do homem contra DEUS, mas a divisão entre judeus e gentios, entre o povo da aliança e os estrangeiros. Em CRISTO, a parede da separação é derrubada, a lei cerimonial com seus mandamentos é abolida, e ambos são reconciliados com DEUS em um só corpo. Esta reconciliação não é meramente legal, mas ontológica: CRISTO cria "um novo homem", uma nova humanidade, na qual as distinções étnicas e históricas perdem sua força divisória sem serem anuladas, sendo antes subsumidas na unidade superior da fé. A Igreja é, portanto, o embrião da humanidade redimida, o sinal visível da reconciliação cósmica que um dia se completará.

v. A Santificação como Andar Digno e a Luta Espiritual. A segunda metade da epístola (capítulos IV–VI) é a aplicação prática da doutrina. Paulo exorta os crentes a "andar de modo digno da vocação com que fostes chamados". Este andar implica humildade, mansidão, longanimidade, e o esforço por guardar a unidade do ESPÍRITO. Mas não se trata de um moralismo autônomo; a santificação é obra da graça que opera no crente o querer e o efetuar. Ela envolve o despojar-se do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências enganosas, e o revestir-se do novo homem, criado segundo DEUS em justiça e retidão. Esta renovação é progressiva e toca todas as esferas da vida: o falar, o trabalho, as relações familiares e a batalha contra as hostes espirituais. A armadura de DEUS é o equipamento para uma guerra que não é contra carne e sangue, mas contra principados e potestades, na qual a Palavra e a oração são as armas da vitória.

vi. A Doutrina do Matrimônio como Mistério de CRISTO e da Igreja. Em Efésios V, a relação conjugal é elevada a um símbolo do grande mistério da união de CRISTO com a Igreja. O marido é a cabeça da esposa, como CRISTO é a cabeça da Igreja; o amor do marido deve ser sacrificial, como o amor de CRISTO que se entregou por ela; a submissão da esposa deve ser voluntária, como a sujeição da Igreja a CRISTO. Este ensino, longe de ser uma imposição cultural ultrapassada, é a revelação da ordem criacional — a mesma ordem que vemos em Gênesis —, agora restaurada e elevada em CRISTO, e constitui a base de toda a ordenação doméstica, que é a célula-mãe da Igreja e da sociedade.

vii. A Escatologia Inaugurada e a Consumação Cósmica. Efésios é marcado por uma tensão escatológica: o crente já está assentado nos lugares celestiais (II,vi), mas ainda aguarda a redenção do corpo (IV,xxx). O Reino já foi inaugurado em CRISTO,

mas ainda não foi consumado. A Igreja vive no “já” e no “ainda não”, experimentando as primícias do ESPÍRITO, mas aguardando a plenitude da herança. Esta tensão não gera ansiedade, mas esperança ativa, pois a certeza da consumação repousa na fidelidade de DEUS, que cumprirá todas as Suas promessas. O fim de todas as coisas é a recapitulação universal em CRISTO (I,x), quando DEUS for tudo em todos (I Cor. XV,xxviii), para a glória exclusiva do DEUS Triúno.

F. HERMENÊUTICA APLICADA: PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO

A interpretação de Efésios, ou de qualquer porção das Santas Escrituras, não pode ser empreendida com presunção ou com meros recursos da crítica literária. A Palavra de DEUS é espiritual e exige uma hermenêutica que se submeta à sua própria natureza. Estabelecemos, pois, os seguintes princípios, que guiarão nossa exegese:

i. O Princípio da Analogia da Fé (Analogia Fidei). A Escritura é a melhor intérprete de si mesma. Uma passagem obscura deve ser iluminada por outras passagens claras; e os temas dispersos devem ser comparados com as formulações gerais da doutrina cristã. Em Efésios, por exemplo, a doutrina da eleição não pode ser interpretada de modo a contradizer a responsabilidade humana claramente ensinada em outras partes; a tensão deve ser mantida, não resolvida por uma síntese falsa, mas confessada como mistério da soberania divina e da agência moral subordinada da criatura.

ii. O Princípio Cristocêntrico. Toda a Escritura testifica de CRISTO. Efésios não é exceção. Seu tema central é a congregração de todas as coisas em CRISTO. Portanto, cada doutrina, cada exortação, cada sacramento e cada ordenança deve ser interpretado à luz da pessoa e da obra do Mediador. A eleição é em CRISTO; a redenção é em CRISTO; a unidade é em CRISTO; a santificação é em CRISTO; a consumação é em CRISTO. Fora desta referência central, a interpretação se perde em especulações humanas.

iii. O Princípio da Primazia da Doutrina sobre a Experiência. A experiência cristã, embora genuína e importante, não é o fundamento da fé, mas o seu fruto. A hermenêutica de Efésios deve começar pelas grandes declarações indicativas do que DEUS fez (capítulos I–III), para então extrair as exortações imperativas (capítulos IV–VI). Inverter esta ordem é construir sobre a areia movediça do subjetivismo. O crente não lê Efésios para encontrar confirmação de suas experiências, mas para corrigir e moldar suas experiências pela verdade objetiva.

iv. O Princípio Eclesial e Pactual. A Epístola não foi escrita a um indivíduo isolado, mas à Igreja, ao Corpo de CRISTO. Sua interpretação, portanto, deve ter uma dimensão comunitária. O “nós” e o “vós” de Paulo não são meramente retóricos;

refletem a realidade pactual de que a salvação é recebida na comunidade da aliança, e que as bênçãos são compartilhadas com todos os santos. A hermenêutica individualista, que reduz Efésios a um manual de devoção pessoal, perde a visão cósmica e eclesial do apóstolo.

v. O Princípio do Uso Triplo da Lei e da Liberdade Cristã. As exortações éticas de Efésios não são uma nova lei mosaica, mas a aplicação do Evangelho à vida. A lei moral, resumida no Decálogo, permanece como regra perpétua de justiça; mas para o crente, ela funciona como guia de gratidão (terceiro uso), não como meio de justificação. A liberdade cristã, tão enfatizada em Gálatas, é pressuposta em Efésios: os crentes são livres da condenação, mas são servos de CRISTO, e esta liberdade os capacita a andar em amor, não em licenciosidade.

vi. O Princípio da Iluminação do ESPÍRITO SANTO. Finalmente, a hermenêutica verdadeira é uma obra do ESPÍRITO. O homem natural não compreende as coisas do ESPÍRITO de DEUS. Portanto, o intérprete deve orar, como Paulo orou pelos efésios, para que DEUS conceda espírito de sabedoria e de revelação no conhecimento d'Ele, e ilumine os olhos do entendimento. Sem esta iluminação, o texto permanece letra morta; com ela, torna-se espírito e vida. Assim, o estudo de Efésios é um exercício de piedade tanto quanto de erudição, um ato de dependência da Palavra sustentadora, que é a mesma que ilumina os simples e confunde os sábios.

G. CONCLUSÃO GERAL DA HERMENÊUTICA

Essa Epístola, à luz dos princípios hermenêuticos estabelecidos, apresenta-se como a carta magna da graça soberana e da unidade eclesial. Nela, o apóstolo não debate heresias, não refuta oponentes, não resolve crises; antes, ele expande o coração dos crentes para contemplar as alturas insondáveis do propósito divino. Paulo escreve como um mordomo dos mistérios de DEUS, desvendando o que estava oculto desde os séculos, e convidando a Igreja a participar daquela plenitude que se encontra somente em CRISTO.

A hermenêutica que adotamos — fundamentada na autopistia da Escritura, na cristocentricidade, na primazia da doutrina, na dimensão eclesial e na iluminação do ESPÍRITO — não é um método neutro, mas uma postura de fé. Ela reconhece que o intérprete, como todas as criaturas, é existência comunicada, dependente momento a momento da Palavra que sustenta. Interpretar Efésios é, pois, deixar-se interpretar por ela; é permitir que a Palavra viva e eficaz penetre até a divisão da alma e do espírito, julgando os pensamentos e intenções do coração.

E, porque esta carta trata da consumação de todas as coisas em CRISTO, ela aponta para o fim último da criação: Soli Deo Gloria. A eleição é para o louvor da glória da Sua graça; a redenção é para o louvor da Sua glória; a Igreja é para o louvor da Sua glória. E na consumação, quando os novos céus e a nova terra forem instaurados, e DEUS for tudo em todos, então a glória exclusiva do DEUS Trino resplandecerá em sua plenitude. Este é o horizonte teológico de Efésios, e é à luz deste horizonte que toda a exegese deve ser conduzida.

INTRODUÇÃO À EXEGESE

Adentramos, pois, no campo sagrado da exposição analítica do texto, onde cada palavra é inspirada por DEUS e proveitosa para ensinar, redarguir, corrigir e instruir em justiça. A exegese que aqui se segue não é um mero comentário filológico, mas uma escuta atenta da voz do ESPÍRITO que, através do apóstolo Paulo, fala à Igreja de todos os tempos. Cada versículo é uma pedra preciosa que, examinada à luz da analogia da fé, revela as cores da graça divina. Caminhemos, pois, com reverência e temor, certos de que a Palavra é lâmpada para os pés e luz para o caminho, e que o mesmo ESPÍRITO que a inspirou há de iluminar o nosso entendimento para que compreendamos as coisas que nos foram dadas gratuitamente por DEUS.

A presente exposição cobre os três primeiros capítulos da epístola, que constituem a seção doutrinária da carta. Neles, o apóstolo estabelece os fundamentos eternos da salvação — a eleição do PAI, a redenção do FILHO, o selo do ESPÍRITO —, descreve a condição passada do homem, a vivificação pela graça soberana, a reconciliação de judeus e gentios em um só Corpo, e revela o mistério da inclusão dos gentios na mesma promessa, culminando com a oração pela plenitude de DEUS. Estes capítulos são a doutrina pura, o alicerce sobre o qual se erguerá toda a edificação prática dos capítulos seguintes.

CAPÍTULO I: A SOBERANIA DA GRAÇA E A EXALTAÇÃO DE CRISTO

I. Saudações e Bênção Apostólica (Eph. I, i–ii)

O apóstolo Paulo apresenta-se como apóstolo, palavra que significa “enviado”, mas não por escolha própria ou por comissão humana. Ele é apóstolo pela vontade de DEUS — expressão que já no limiar da epístola estabelece o princípio da soberania divina. A vocação apostólica de Paulo não foi um ato de sua iniciativa, mas um decreto do conselho eterno, que o separou desde o ventre materno para anunciar o Evangelho aos gentios. Esta mesma vontade soberana é o fundamento de toda a economia da salvação, como veremos ao longo do capítulo.

O destinatário é duplamente qualificado: santos e fiéis em CRISTO JESUS. A santidade não é uma conquista moral do homem, mas uma posição conferida pela união com CRISTO. Ser santo é ser separado para DEUS, pertencer ao Seu povo peculiar, ser consagrado pelo sangue do Cordeiro. E a fidelidade é a resposta da fé: aqueles que são santos por posição são chamados a viver como santos por prática, perseverando na fé que é dom de DEUS. Não há santidade sem fé, nem fé genuína sem santidade; ambas são dons do mesmo ESPÍRITO, que opera no crente o querer e o efetuar.

A saudação paulina — Graça a vós, e paz — é mais do que uma fórmula polida. Graça (charis) é o favor imerecido de DEUS, a fonte de toda bênção espiritual. Paz (eirēnē) é o shalom do Antigo Testamento, a integridade e bem-estar que procedem da reconciliação com DEUS. Graça e paz vêm da parte de DEUS nosso PAI, e do SENHOR JESUS CRISTO — uma afirmação implícita da divindade de CRISTO, que é colocado em pé de igualdade com o PAI como fonte de bênçãos. A paz que o mundo não pode dar é a paz que CRISTO conquistou na cruz e que o ESPÍRITO aplica ao coração.

II. A Eleição e a Bênção no PAI (Eph. I, iii–vi)

A epístola começa com uma eulogia — uma bênção a DEUS, que é a fonte de toda bênção. Paulo não começa com as necessidades humanas, mas com a soberania divina. Bendizer a DEUS é reconhecer que Ele é o Doador de todo dom perfeito, e que a bênção verdadeira flui somente d'Ele. O apóstolo então declara que DEUS nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em CRISTO. Note o tempo verbal: é um ato consumado. O crente já possui, em princípio e posição, todas as bênçãos da salvação — a eleição, a redenção, a adoção, o selo do ESPÍRITO, a herança. Nada falta; tudo está depositado em CRISTO, e o crente, estando unido a Ele, participa de toda a plenitude da Deidade.

A primeira e fundamental bênção é a eleição: como também nos elegeu NEle antes da fundação do mundo. A eleição é eterna, incondicional e em CRISTO. Não houve mérito previsto, nem fé prevista, nem obra alguma que pudesse mover o coração de DEUS a escolher. Foi puro beneplácito — o bom prazer da Sua vontade. O propósito da eleição é santidade e irrepreensibilidade diante d'Ele em amor. A santidade é o fim moral da eleição; não é a causa, mas o resultado. DEUS não elege porque previu que seríamos santos; Ele nos elege para que sejamos santos. E esta santidade é diante d'Ele, ou seja, na Sua presença, sob o Seu olhar, e é mediada por amor — o amor que é o próprio caráter de DEUS e o vínculo da união com CRISTO.

A predestinação para a adoção de filhos é o segundo ato do decreto divino. A eleição é o fundamento; a adoção é a forma concreta na qual a eleição se manifesta na história. Ser adotado por DEUS é ser recebido na família divina, participar da natureza divina, e ter direito à herança eterna. Esta adoção é por JESUS CRISTO — somente NEle somos aceitos como filhos. O PAI nos fez agradáveis a Si no Amado, isto é, em CRISTO, o FILHO amado. Somos aceitos não por nossa beleza ou mérito, mas porque estamos revestidos da justiça do Amado. E tudo isso é para louvor e glória da sua graça — o fim supremo da eleição não é a salvação do homem, mas a glória de DEUS. A graça é a causa; a glória de DEUS é o alvo.

Nesta seção, a doutrina da eleição é apresentada sem hesitação, como a âncora da segurança do crente. Longe de ser uma especulação árida, ela é o combustível da adoração: “Bendito seja o DEUS e PAI...”. A eleição não leva à presunção, mas à humildade, pois reconhece que tudo é graça. E não leva à indiferença moral, pois o propósito é a santidade. Aqui, a soberania divina e a responsabilidade humana não são opostas, mas são mantidas em tensão dinâmica, como dois rios que correm para o mesmo oceano: DEUS elege, e o homem é chamado a responder com fé e obediência, sabendo que até a resposta é dom de DEUS.

III. A Redenção no FILHO e a Herança dos Eleitos (Eph. I, vii–xii)

A eleição do PAI (versículos iii–vi) é seguida pela redenção do FILHO (versículos vii–xii). A transição é natural: a escolha eterna encontra sua realização histórica na obra de CRISTO. A expressão em Quem vincula cada bênção à pessoa do Mediador. Temos a redenção pelo seu sangue. A redenção (apolytrōsis) é a libertação mediante o pagamento de um resgate. O preço foi o sangue de CRISTO — a morte expiatória do Cordeiro de DEUS, que tira o pecado do mundo. O sangue não é um símbolo de violência, mas o preço da justiça satisfeita. A remissão das ofensas (aphesis tōn paraptōmatōn) é o perdão completo e definitivo de todos os pecados — passados, presentes e futuros —, concedido pela graça, não pelos méritos humanos. Esta graça é

abundante, rica, transbordante; não é uma gota de misericórdia, mas um oceano de amor.

E esta graça é acompanhada de sabedoria e prudência. DEUS não age cegamente; Ele revela o mistério da sua vontade. Mistério (mystērion) não é algo irracional ou ininteligível, mas o que antes estava oculto e agora é revelado na história: de tornar a congregar em CRISTO todas as coisas. Este é o centro do propósito divino: a recapitulação (anakephalaiōsis) de todas as coisas em CRISTO. A criação, fragmentada pelo pecado e pela queda, será reunida sob a Cabeça universal, que é CRISTO. Este ato ocorrerá na dispensação da plenitude dos tempos — o tempo determinado por DEUS, o kairós escatológico, quando todas as coisas chegarão à sua consumação. Esta recapitulação inclui tanto as que estão nos céus como as que estão na terra — uma restauração cósmica que transcende a salvação individual e abrange toda a ordem criada, que geme e espera a libertação da corrupção.

Em seguida, Paulo aplica esta verdade aos crentes: em Quem também fomos feitos herança. Somos a herança de DEUS, a porção que Ele adquiriu para Si mesmo em CRISTO. Esta é uma afirmação notável: o crente não é apenas herdeiro (o que é verdade em outras passagens), mas ele mesmo é a herança de DEUS — o tesouro peculiar que DEUS resgatou para Sua própria glória. E isso ocorreu segundo a predestinação e o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade. Paulo repete a ênfase na soberania: tudo procede do conselho eterno, tudo é dirigido pela vontade divina, tudo converge para a glória de DEUS. O fim de tudo é que sejamos para louvor da sua glória. Assim como a eleição é para a glória da graça, a redenção é para o louvor da glória. DEUS salva para ser glorificado; o homem é salvo para glorificar a DEUS. Esta é a ordem inescapável da criação e da redenção.

IV. O Selo do ESPÍRITO SANTO (Eph. I, xiii–xiv)

A obra do PAI e do FILHO é aplicada pelo ESPÍRITO SANTO. O apóstolo agora se dirige diretamente aos gentios: vós estais em CRISTO. A fé é a resposta à pregação do Evangelho — a palavra da verdade, que é a palavra da salvação. A fé não é um ato autônomo; ela é despertada pelo ouvir, e o ouvir pela pregação da Palavra. Contudo, o ouvir externo não basta; é necessário o selo interno do ESPÍRITO.

O selo (sphragis) é uma marca de propriedade e autenticidade. Na antiguidade, os documentos eram selados com o anel do proprietário para garantir sua origem e inviolabilidade. Assim, o ESPÍRITO SANTO é o selo de DEUS sobre o crente, atestando que ele pertence a DEUS e que é genuíno. Este selo é o ESPÍRITO SANTO da promessa — o ESPÍRITO prometido por CRISTO aos seus discípulos, e prometido também no Antigo Testamento como o dom da nova aliança. Ele não é apenas uma

experiência emocional passageira, mas uma realidade ontológica permanente: o ESPÍRITO habita no crente e o une a CRISTO.

O ESPÍRITO é também o penhor da nossa herança. Penhor (arrabōn) é o sinal e a garantia de que a herança plena será recebida. Assim como o noivo dá um sinal à noiva como promessa do casamento futuro, DEUS dá o ESPÍRITO como garantia de que a redenção final será consumada. Este penhor aponta para a redenção da possessão adquirida — a completa libertação do corpo e da criação na ressurreição e na glória. A obra da redenção já foi iniciada no espírito do crente, mas aguarda sua consumação no corpo e na nova criação. E tudo isso é para louvor da sua glória. A Trindade toda está envolvida na salvação: o PAI elege, o FILHO redime, o ESPÍRITO sela; e a glória, no início, no meio e no fim, pertence somente a DEUS.

V. A Oração pela Iluminação Espiritual (Eph. I, xv–xxiii)

A doutrina que Paulo expôs nos versículos iii–xiv não é um fim em si mesma; ela é o fundamento da oração. O apóstolo ouviu falar da fé e do amor dos efésios — a evidência de que a obra de DEUS é real entre eles. Mas ele não se contenta com essa notícia; ele ora para que a fé e o amor cresçam no conhecimento. A oração é o coração da teologia paulina: a verdade deve ser conhecida não apenas com a mente, mas com o coração iluminado.

Paulo pede que o DEUS de nosso SENHOR JESUS CRISTO, o PAI da glória — título que enfatiza a majestade e o esplendor divinos — conceda duas coisas: espírito de sabedoria e de revelação no conhecimento d'Ele. Sabedoria (sophia) é a capacidade de ordenar a verdade segundo o propósito divino; revelação (apokalypsis) é o desvendar do que está oculto. O conhecimento de DEUS não é adquirido por mero esforço intelectual; é um dom espiritual, concedido pelo ESPÍRITO que sonda as profundezas de DEUS. Este conhecimento é prático, relacional, transformador: é conhecer a DEUS como PAI, a CRISTO como SENHOR, e a si mesmo como filho adotivo.

O pedido específico é que os olhos do entendimento sejam iluminados. A iluminação não é uma nova revelação extrabíblica, mas a aplicação eficaz da Palavra ao coração, capacitando o crente a compreender as realidades espirituais. O conhecimento assim iluminado abrange três realidades essenciais:

1. A esperança do chamamento. A vocação cristã não é para uma vida terrena confortável, mas para uma glória futura. A esperança é o objeto da fé voltado para o futuro: a ressurreição, a herança, a consumação do Reino. Conhecer esta esperança é ter a certeza de que as aflições presentes não são comparáveis com a glória por vir.

2. As riquezas da glória da sua herança nos santos. A herança não é um território ou uma riqueza material, mas a própria comunhão com DEUS e a participação na vida trinitária. As riquezas da herança são inesgotáveis e infinitas; os santos são os herdeiros, e a herança é DEUS mesmo, como Ele é tudo em todos.
3. A sobreexcelente grandeza do seu poder para conosco. Este é o clímax da oração. O poder que opera no crente é o mesmo poder que ressuscitou a CRISTO e O exaltou à destra do PAI. Este poder não é uma força impessoal, mas a operação da força do seu poder — uma repetição enfática que sublinha a eficácia divina. O mesmo poder que venceu a morte é o poder que capacita o crente a viver a vida cristã, a vencer o pecado, a perseverar na fé, a esperar com paciência.

A exaltação de CRISTO é descrita em termos cósmicos: ressuscitando-O dentre os mortos e pondo-O à sua direita nos céus; acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se nomeia. Esta é a linguagem da entronização celestial, onde CRISTO é exaltado sobre todas as hostes angelicais e sobre todo poder terreno e celestial. A Sua autoridade abrange não só neste século, mas também no vindouro — uma autoridade eterna e universal. E, sujeitou todas as coisas a seus pés — uma citação do Salmo VIII, que descreve o domínio do homem sobre a criação, agora cumprido em CRISTO, o verdadeiro Homem, o segundo Adão, que recebe o domínio sobre todas as coisas.

O clímax da exaltação é a relação de CRISTO com a Igreja: Ele é constituído como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos. A metáfora do Corpo e da Cabeça indica união orgânica, dependência vital e direção. A Igreja é o Corpo de CRISTO, e CRISTO é a Cabeça que governa, sustenta e vivifica o Corpo. Mais surpreendente é a afirmação de que a Igreja é a plenitude (plērōma) daquele que cumpre tudo em todos. Esta expressão não significa que CRISTO seja incompleto sem a Igreja, no sentido de uma deficiência. Antes, significa que a Igreja é o instrumento pelo qual CRISTO manifesta a Sua plenitude no mundo. Assim como o corpo é o meio pelo qual a cabeça atua, a Igreja é o meio pelo qual CRISTO, que está em toda parte, Se manifesta e opera no espaço e no tempo. A glória de CRISTO é revelada através do Seu Corpo, que é a comunidade dos redimidos, chamada a ser o testemunho visível da Sua graça e poder.

CAPÍTULO II: A VIVIFICAÇÃO, A RECONCILIAÇÃO E A EDIFICAÇÃO DA IGREJA

I. A Condição Passada do Homem Natural (Eph. II, i–iii)

O apóstolo, tendo estabelecido a posição gloriosa do crente em CRISTO, volta-se agora para descrever a miséria da qual foi resgatado. A ênfase recai sobre o estado de morte espiritual: os efésios estavam mortos em ofensas e pecados. Esta morte não é física, mas espiritual — uma separação de DEUS, uma incapacidade radical para qualquer bem espiritual, uma escravidão ao pecado. O homem natural, mesmo em sua atividade frenética, está espiritualmente morto: não responde a DEUS, não O busca, não O ama, não O compreende. A prova desta morte é o andar: os crentes, antes, andavam segundo o curso deste mundo — uma expressão que designa a corrente de pensamento e ação dominada pela rebelião contra DEUS. A palavra curso (aiōn) indica a era presente, caracterizada pela alienação de DEUS.

Além disso, andavam segundo o príncipe das potestades do ar — uma referência a Satanás, o líder das hostes malignas, que exerce influência sobre os incrédulos. O diabo não é um mero símbolo, mas uma realidade pessoal, ativa e poderosa, que opera nos filhos da desobediência. Paulo inclui-se a si mesmo e a todos os judeus neste retrato: entre os quais todos nós também antes andávamos. A culpa é universal; todos, judeus e gentios, estavam sob o mesmo jugo. E a escravidão é interna: nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos. A carne (sarx) não é apenas o corpo físico, mas a natureza caída, a inclinação para o pecado, a rebelião contra DEUS. E o resultado desta condição é ser por natureza filhos da ira. A ira não é uma explosão emocional em DEUS, mas a Sua santa e justa oposição ao pecado. Todos os homens, por natureza, são objetos desta ira, merecedores da condenação eterna.

II. A Vivificação pela Graça Soberana (Eph. II, iv–x)

A conjunção Mas DEUS é a maior de todas as conjunções. Ela marca a intervenção soberana da graça na miséria humana. Paulo descreve a ação divina com quatro verbos que resumem a salvação: vivificou, ressuscitou, assentou, e mostrará. A vivificação é o ato da regeneração: DEUS dá vida aos que estão mortos, não por cooperação humana, mas por ato monérgico do ESPÍRITO. A ressurreição é a união com CRISTO na Sua ressurreição: o crente é levantado da sepultura do pecado para uma nova vida. O assentar nos lugares celestiais é a participação na exaltação de CRISTO: o crente já está, em posição, reinando com CRISTO nos lugares espirituais, ainda que aguarde a manifestação plena desta realidade. E o mostrar, nos séculos vindouros, é a revelação final da graça, quando toda a criação contemplará a bondade de DEUS em Sua obra redentora.

A causa de tudo é a misericórdia e o amor de DEUS. A misericórdia é a compaixão divina pela miséria humana; o amor é o afeto eterno que moveu DEUS a enviar o FILHO. E o instrumento é a graça: pela graça sois salvos. Paulo enfatiza esta verdade com uma repetição deliberada, para que nenhuma dúvida reste. A graça é o favor imerecido, a dádiva gratuita, a benevolência divina que não encontra causa no homem. A fé é o meio, não a causa; a fé é o canal, não a fonte. E até a fé é dom: isto não vem de vós, é dom de DEUS. A salvação é inteiramente de DEUS, do princípio ao fim, para que ninguém se glorie. A glória é exclusiva de DEUS; o homem não tem mérito, nem mesmo na sua fé.

Mas a salvação pela graça não anula as boas obras; antes, as estabelece. O crente é feitura de DEUS — uma nova criação em CRISTO. E esta nova criação é para as boas obras, que DEUS preparou de antemão para que o crente ande nelas. As boas obras não são a causa da salvação, mas o propósito e o fruto da salvação. São as obras preparadas por DEUS na eternidade, que o crente, regenerado e capacitado pelo ESPÍRITO, deve praticar como expressão de gratidão. Assim, a doutrina da graça soberana não leva à inércia, mas à atividade santa; não à presunção, mas à humilde dependência.

III. A Reconciliação de Judeus e Gentios (Eph. II, xi–xviii)

Paulo agora aplica a doutrina da graça à situação concreta dos gentios. Eles, outrora, estavam sem CRISTO, separados da comunidade de Israel, estranhos às alianças da promessa, sem esperança e sem DEUS no mundo. Esta é a condição do gentio incrédulo — não apenas uma alienação cultural, mas uma alienação espiritual e pactual. Eles estavam fora da aliança, fora do povo de DEUS, fora da esperança messiânica. A palavra sem DEUS (atheos) não significa ateísmo filosófico, mas ausência de relação com o DEUS vivo e verdadeiro. Tudo isso, porém, foi mudado agora, em CRISTO JESUS. A distância geográfica ou étnica foi vencida pela obra redentora: já pelo sangue de CRISTO chegastes perto.

CRISTO é a nossa paz. Ele não apenas traz paz; Ele é a paz. Ele fez de judeus e gentios um — um só povo, um só corpo, uma só Igreja. A parede de separação que estava no meio — que pode referir-se à barreira cerimonial do templo ou à lei mosaica que distinguia judeus de gentios — foi derrubada pela cruz. A lei dos mandamentos, com suas ordenanças, foi abolida na carne de CRISTO, não como abolição da lei moral (que permanece), mas como fim da função cerimonial e divisória da lei. O propósito era criar em Si mesmo dos dois um novo homem — uma nova humanidade, reconciliada com DEUS e unida entre si. Esta criação do novo homem é a obra da Igreja, onde as distinções étnicas e históricas não são negadas, mas transcendidas na unidade da fé.

A reconciliação é dupla: com DEUS e entre os homens. E o acesso a DEUS é triuno: por Ele (CRISTO), ao PAI, em um mesmo ESPÍRITO. A Trindade está envolvida na reconciliação: o FILHO é o mediador, o PAI é o destinatário, e o ESPÍRITO é o agente da comunhão. A cruz é o lugar onde a inimizade é morta, e a paz é proclamada. E esta paz é anunciada como Evangelho: evangelizou paz a vós que estáveis longe, e paz aos que estavam perto — uma citação de Isaías LVII, xix, agora cumprida em CRISTO.

IV. A Edificação da Igreja como Templo Santo (Eph. II, xix–xxii)

A reconciliação não é apenas uma mudança de status, mas uma nova identidade. Os gentios, antes estrangeiros e forasteiros, agora são concidadãos dos santos — membros da mesma polis celeste, participantes da mesma cidadania espiritual — e da família de DEUS — membros da mesma casa, filhos do mesmo PAI. A Igreja não é uma reunião de estranhos, mas uma família; não uma colônia de exilados, mas uma cidade de concidadãos.

O fundamento desta comunidade é os apóstolos e os profetas — as testemunhas autorizadas da revelação divina, cujos escritos constituem o cânon do Novo Testamento e o alicerce da fé. Mas o fundamento é também JESUS CRISTO, a principal pedra da esquina (ou pedra angular). Esta pedra é a que une as duas paredes, judeus e gentios, e dá coesão a todo o edifício. A Igreja, como edifício espiritual, é bem ajustada — cada pedra encaixa-se perfeitamente na estrutura, segundo o desígnio do Arquétipo divino — e cresce para templo santo no SENHOR. Este crescimento não é físico, mas espiritual e orgânico, à medida que novos membros são incorporados e os existentes são edificados na fé.

O propósito final desta edificação é ser morada de DEUS em ESPÍRITO. A Igreja não é apenas um templo onde DEUS é adorado; é o próprio templo onde DEUS habita pela presença do ESPÍRITO. A glória de DEUS, que outrora enchia o tabernáculo e o templo de Jerusalém, agora enche a Igreja, que é o corpo de CRISTO. Esta é a consumação da promessa: Eis aqui o tabernáculo de DEUS com os homens, e habitará com eles (Apoc. XXI, iii). A Igreja é o lugar da presença divina na terra, o testemunho visível da graça de DEUS em CRISTO.

CAPÍTULO III: O MISTÉRIO REVELADO E A ORAÇÃO PELA PLENITUDE

I. O Mistério da Inclusão dos Gentios (Eph. III, i–xiii)

Paulo apresenta-se como prisioneiro de CRISTO por vós, gentios. Suas cadeias não são fruto do acaso ou da malícia dos homens; são o resultado de sua vocação apostólica aos gentios. Ele está preso, mas não por crimes; está acorrentado, mas é embaixador em cadeias. A sua prisão é um serviço à Igreja, um testemunho da fidelidade ao chamado. O apóstolo não se envergonha de suas algemas, antes as considera como parte integrante de seu ministério, pois são o selo visível de sua identificação com o CRISTO sofredor e o penhor da glória que há de vir.

O mistério que lhe foi revelado é a inclusão dos gentios na mesma herança, no mesmo corpo, na mesma promessa. Este mistério estava oculto nos séculos passados, mas agora foi revelado pelo ESPÍRITO aos seus santos apóstolos e profetas. Não se trata de uma revelação nova e independente da Escritura, mas da compreensão plena do que estava nas Escrituras, agora iluminado pelo ESPÍRITO. A unidade de judeus e gentios em CRISTO é o coração do Evangelho, e Paulo foi escolhido como o instrumento para anunciar esta verdade. A expressão dispensação da graça de DEUS indica que Paulo não é o autor do mistério, mas o mordomo, o administrador fiel que distribui as riquezas da graça segundo o desígnio divino.

Este mistério tem implicações práticas: os gentios são co-herdeiros, de um mesmo corpo, e co-participantes da promessa. Não são meros convidados ou tolerados; são membros plenos da aliança, participantes de todas as bênçãos espirituais em CRISTO. A promessa de Abraão, que outrora parecia restrita à descendência física, agora se estende a todos os que creem, sejam judeus ou gentios. A Igreja é o lugar onde esta unidade se manifesta; e a revelação deste mistério é para que agora, pela Igreja, a multiforme sabedoria de DEUS seja conhecida dos principados e potestades nos lugares celestiais (versículo x). A Igreja é o palco onde DEUS exibe a Sua sabedoria, mesmo aos seres angelicais, que contemplam admirados a obra redentora. As hostes celestiais, que não experimentaram a redenção, aprendem com a Igreja as profundezas insondáveis da graça divina, que reconcilia os inimigos e os faz filhos.

Paulo conclui esta seção com uma exortação à perseverança: Portanto, vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, que são a vossa glória (versículo xiii). As aflições do apóstolo não são motivo de vergonha, mas de glória para a Igreja, pois são o preço da pregação do Evangelho aos gentios. O crente não deve desanimar diante das perseguições; antes, deve vê-las como parte do mistério da cruz, que conduz à glória.

II. A Oração pelo Fortalecimento Interior (Eph. III, xiv–xxi)

A doutrina do mistério leva Paulo à oração. Ele dobra os joelhos — uma postura de reverência e súplica — diante do PAI, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome. Esta expressão enfatiza a universalidade da paternidade divina: tanto os santos na terra quanto os anjos no céu pertencem à mesma família, derivando seu ser e sua identidade de DEUS. O dobramento dos joelhos não é mera formalidade, mas sinal de submissão total, reconhecimento da absoluta dependência da criatura em relação ao Criador, que sustenta todas as coisas pela Palavra do Seu poder.

O conteúdo da oração é tríplice e progressivo, como degraus que conduzem ao ápice da comunhão divina:

1. Fortalecimento com poder pelo ESPÍRITO no homem interior. O homem interior é a vida espiritual do crente, o centro da sua identidade em CRISTO. O fortalecimento não é uma mera disposição psicológica, mas uma capacitação sobrenatural pelo ESPÍRITO, que fortalece a fé, a esperança e o amor. Este poder é segundo as riquezas da sua glória, isto é, procede da própria plenitude divina, que é inesgotável e infinita. O crente não é fortalecido por suas próprias reservas, mas pela operação eficaz do ESPÍRITO que habita nele.

2. CRISTO habitar pela fé nos corações. A habitação de CRISTO não é uma experiência mística passageira, mas uma realidade permanente: CRISTO, pela fé, faz morada no coração do crente. Esta habitação é progressiva: quanto mais o crente crê, mais CRISTO é formado nele. E o propósito é que, arraigados e fundados em amor, os crentes possam compreender as dimensões do amor de CRISTO — largura, comprimento, altura e profundidade — um amor que excede todo entendimento, que é mais amplo que a criação, mais longo que a eternidade, mais alto que os céus, e mais profundo que o abismo do pecado e da morte. Este amor não pode ser medido por padrões humanos; só pode ser conhecido experimentalmente, pela comunhão viva com CRISTO.

3. Ser cheios de toda a plenitude de DEUS. Esta é a petição culminante: que os crentes sejam cheios, não com uma parte, mas com toda a plenitude de DEUS. Esta é uma expressão paradoxal: o finito não pode conter o infinito, mas na comunhão com CRISTO, o crente é participante da plenitude divina, refletindo a glória de DEUS de modo cada vez mais abundante. Não é uma fusão panteísta, mas uma união real e pessoal com CRISTO, onde o crente é transformado à Sua imagem, de glória em glória. A plenitude de DEUS é a meta da vida cristã, o horizonte para o qual todo o esforço da graça converge.

A oração conclui com uma doxologia de incomparável grandeza: Ora, àquele que é poderoso para fazer muito mais abundantemente acima de tudo quanto pedimos ou

pensamos, segundo o poder que em nós opera, a esse seja glória na igreja, e em CRISTO JESUS, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém. DEUS não apenas responde à oração; Ele faz infinitamente mais do que podemos imaginar. O poder que opera em nós é o mesmo poder que ressuscitou a CRISTO e nos exaltou com Ele. E a glória é devida a Ele na Igreja e em CRISTO, por todas as gerações, perpetuamente. A oração, a teologia e a doxologia fundem-se em um único ato de adoração, que é a resposta adequada da criatura ao Criador.

Superada a seção doutrinária, onde o apóstolo desdobrou as riquezas insondáveis da graça divina em sua dimensão eterna e histórica, adentramos agora no terreno da aplicação prática. A teologia de Efésios não é uma especulação ociosa, mas o fundamento inamovível sobre o qual se ergue o edifício da vida cristã. Se os capítulos I a III proclamaram o que DEUS fez em CRISTO — eleição, redenção, vivificação, reconciliação, revelação do mistério —, os capítulos IV a VI exortam o crente a viver de acordo com esta vocação celestial. A graça que salva é a mesma que santifica; a doutrina que ilumina é a mesma que transforma. E esta transformação, longe de ser um esforço autônomo, é a obra do mesmo ESPÍRITO que opera no crente o querer e o efetuar, capacitando-o a andar como filho da luz, a guardar a unidade do Corpo, a viver o matrimônio como mistério de CRISTO e a Igreja, e a revestir-se da armadura de DEUS para a batalha espiritual. Tudo é existência comunicada e sustentada pela Palavra, até mesmo a resposta obediente da criatura ao Criador.

CAPÍTULO IV: A UNIDADE DO CORPO E O ANDAR DIGNO

I. A Exortação à Unidade (Eph. IV, i–vi)

A doutrina (capítulos I–III) agora dá lugar à exortação (capítulos IV–VI). Paulo, que se apresentou no capítulo III como prisioneiro de CRISTO, agora roga como prisioneiro no SENHOR. A mudança é sutil, mas significativa: ele não é apenas prisioneiro por causa de CRISTO, mas prisioneiro no SENHOR, ou seja, sua prisão é uma esfera de comunhão com CRISTO, onde ele experimenta a presença e o poder do SENHOR mesmo em suas cadeias. E desta posição de autoridade espiritual — não autoridade eclesiástica, mas autoridade moral e pastoral — ele exorta os crentes a andar de modo digno da vocação com que fostes chamados.

A palavra andar (peripateō) é o termo-chave da seção prática. A vida cristã é uma caminhada, um movimento progressivo, uma peregrinação rumo à pátria celestial. E este andar deve ser digno da vocação — ou seja, coerente, correspondente, proporcional ao chamado celestial. A vocação é o chamado eficaz de DEUS, que nos tirou das trevas para a Sua maravilhosa luz, que nos chamou para a comunhão com Seu FILHO, que nos predestinou para a herança eterna. Andar dignamente é viver de modo que a vida reflita a grandeza deste chamado.

A forma deste andar é descrita por Paulo em termos de virtudes que são frutos do ESPÍRITO: humildade, mansidão, longanimidade, e amor. A humildade é o oposto do orgulho e da autossuficiência; é o reconhecimento da própria dependência de DEUS e dos outros. A mansidão é a força sob controle, a disposição de não insistir nos próprios direitos. A longanimidade é a paciência que suporta as provocações e as falhas alheias. E o amor é o vínculo da perfeição, a virtude que une todas as outras. Estas virtudes não são qualidades naturais, mas dons da graça, que capacitam o crente a suportar-se uns aos outros em amor.

E o objetivo final é guardar a unidade do ESPÍRITO pelo vínculo da paz. A unidade não é criada pelos esforços humanos; ela já é uma realidade dada pelo ESPÍRITO, que une todos os crentes em um só Corpo, cuja Cabeça é CRISTO. O crente não cria a unidade; ele a guarda, preserva, protege, não a rompendo com divisões, orgulho ou contendas. E o vínculo que a mantém é a paz — a paz de CRISTO, que reconcilia os inimigos e os faz irmãos.

A base desta unidade é a unicidade da fé, expressa em uma lista de sete itens que formam uma tríade trinitária e uma quadra eclesiológica: um só corpo, um só ESPÍRITO, uma só esperança, um só SENHOR, uma só fé, um só batismo, um só DEUS e PAI de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos. Esta é a confissão

da Igreja una, santa, católica e apostólica. A diversidade de dons e funções não anula a unidade; antes, serve à unidade, pois todos os membros são membros de um só Corpo, e todos recebem do mesmo ESPÍRITO, servem ao mesmo SENHOR, e são conduzidos ao mesmo PAI.

II. Os Dons do CRISTO Ascendido e a Edificação do Corpo (Eph. IV, vii–xvi)

Paulo agora explica como esta unidade se manifesta na diversidade de dons. Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de CRISTO. Cada crente recebe uma medida de graça, ou seja, uma capacitação específica para o serviço, segundo a vontade soberana de CRISTO. E esta graça é distribuída por CRISTO, que, tendo ascendido ao alto, levou cativo o cativeiro, e deu dons aos homens. A citação do Salmo LXVIII, xviii é aplicada por Paulo à ascensão de CRISTO. A descida de CRISTO às partes mais baixas da terra refere-se à Sua encarnação e morte; a subida acima de todos os céus é a Sua exaltação. Ambos os movimentos — a descida humilhante e a subida gloriosa — são realizados para o benefício da Igreja. O cativeiro que Ele levou cativo pode referir-se às hostes malignas que foram derrotadas na cruz, ou aos santos do Antigo Testamento que foram libertos do limbo dos patriarcas; em qualquer caso, a vitória de CRISTO é completa e universal.

Os dons que CRISTO concedeu são ofícios e funções específicas: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores. Os apóstolos e profetas são fundamentais, como vimos no capítulo II; eles estabeleceram a doutrina e o cânon da Igreja. Os evangelistas são missionários e plantadores de igrejas, que levam o Evangelho a novos lugares. Os pastores e doutores são os que cuidam e ensinam a congregação local, alimentando o rebanho com a Palavra e guiando-o na verdade. Estes dons não são privilégios pessoais, mas serviços à comunidade.

O propósito destes dons é tríplice: o aperfeiçoamento dos santos, a obra do ministério, e a edificação do corpo de CRISTO. O aperfeiçoamento dos santos é a maturação espiritual, o crescimento na fé e no conhecimento. A obra do ministério é o serviço ativo na Igreja e no mundo. E a edificação do corpo é o crescimento orgânico da Igreja em unidade e amor. O alvo final é que todos cheguemos à unidade da fé e do conhecimento do FILHO de DEUS, e à medida da estatura completa de CRISTO. A Igreja, como um corpo, cresce até atingir a plenitude de CRISTO, que é o padrão de perfeição, a norma da maturidade espiritual.

Este crescimento não é automático; ele requer a atuação de cada membro, segundo a medida justa de cada parte. Cada crente tem uma função e um dom, e todos devem contribuir para o crescimento do Corpo. O amor é o princípio que ordena e dinamiza este crescimento: crescendo em amor, se edifica a si mesmo. A edificação da Igreja é,

portanto, um processo orgânico, vital e comunitário, que se dá sob a autoridade de CRISTO, pela operação do ESPÍRITO, e em vista da glória de DEUS.

III. A Santificação e o Despojar do Velho Homem (Eph. IV, xvii–xxxii)
A partir do versículo xvii, a exortação torna-se mais específica e intensa. Paulo testifica no SENHOR — uma expressão solene que indica a gravidade do que vai dizer — que os crentes não devem mais andar como andam os outros gentios. O andar dos incrédulos é descrito em termos sombrios: vaidade do entendimento, entenebrecidos no entendimento, separados da vida de DEUS pela ignorância, dureza do coração, dissolução, avidez por toda impureza. A raiz de todo pecado é o entendimento obscurecido, que não reconhece a glória de DEUS nem a ordem da criação. E o resultado é a alienação de DEUS e a entrega ao pecado.

O crente, porém, não aprendeu assim a CRISTO. Aprender a CRISTO não é meramente aprender sobre Ele, mas conhecer a pessoa, a obra, a vida e a vontade do SENHOR. Este conhecimento é prático e transformador: é a verdade que está em JESUS — a verdade encarnada, vivida e ensinada pelo SENHOR. E esta verdade exige uma tríplice ação, que é ao mesmo tempo um ato inicial e um processo contínuo:

1. Despojar-se do velho homem. O velho homem é a natureza caída, herdada de Adão, que se corrompe pelas concupiscências enganosas. Este despojar é a rejeição da identidade antiga, a negação do pecado, a mortificação da carne. Não é um ato único, mas uma luta contínua contra o pecado que ainda habita na carne.
2. Renovar-se no espírito do entendimento. A renovação é a transformação da mente, que é a renovação da imagem de DEUS no homem interior. Esta renovação ocorre pela ação do ESPÍRITO que opera pela Palavra, e é progressiva, à medida que o crente é transformado pela renovação do seu entendimento.
3. Revestir-se do novo homem. O novo homem é a nova natureza criada em CRISTO, que é caracterizada por verdadeira justiça e santidade. Este revestir é a assunção da nova identidade em CRISTO, a prática da justiça e da santidade que fluem da união com Ele.

A partir do versículo xxv, Paulo aplica este princípio a áreas específicas da vida prática: a verdade contra a mentira, a justiça contra o furto, a edificação contra a palavra corrupta, a bondade contra a amargura. E conclui com uma exortação solene: não entristeçais o ESPÍRITO SANTO de DEUS, no qual estais selados para o dia da redenção. O ESPÍRITO é uma pessoa, que pode ser entristecido pela desobediência e pelo pecado. A santificação é a resposta à graça que nos selou; é o fruto da união com CRISTO, que se manifesta em relações humanas transformadas. A bondade, a compaixão e o perdão mútuo são as marcas do novo homem, assim como DEUS, em

CRISTO, nos perdoou. A santificação, portanto, é a expressão prática da doutrina da graça, o fruto necessário da eleição, da redenção e do selo do ESPÍRITO.

CAPÍTULO V: A IMITAÇÃO DE DEUS E O MATRIMÔNIO COMO MISTÉRIO

I. O Andar em Amor e em Luz (Eph. V, i–xxi)

O capítulo V inicia com uma exortação sublime: Sede, pois, imitadores de DEUS, como filhos amados. A santificação é a imitação de DEUS, mas não como uma tentativa legalista de copiar atributos inacessíveis. Os crentes são filhos amados, e a imitação flui da filiação: o filho imita o PAI, não para ser aceito, mas porque é amado. E a imitação concreta é o andai em amor, que se manifesta na autoentrega sacrificial, como também CRISTO nos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a DEUS, em cheiro suave. O amor não é um sentimento vago; é uma ação concreta, uma oferta agradável a DEUS. A vida cristã é, pois, uma vida de amor ativo, que reflete o caráter do DEUS que é amor.

Em contraste, Paulo exorta os crentes a não participarem das obras infrutuosas das trevas, mas antes repreendê-las. A luz não apenas se abstém do mal; ela expõe o mal pela sua presença e pela sua palavra. A verdade, a justiça e a santidade são o fruto da luz; e o crente, como luz no SENHOR, deve andar como filho da luz. As trevas são a ignorância, o pecado e a morte; a luz é o conhecimento, a justiça e a vida em CRISTO. E o crente é chamado a não apenas evitar as trevas, mas a iluminar o ambiente com a presença da luz divina.

As exortações práticas incluem: andar com cuidado (com sabedoria), remir o tempo (aproveitar as oportunidades), não se embriagar (com vinho ou com qualquer forma de excesso), ser cheio do ESPÍRITO, falar com salmos e hinos, dar graças, e sujeitar-se uns aos outros no temor de CRISTO. A plenitude do ESPÍRITO é o oposto da embriaguez; é o controle da vida pelo ESPÍRITO, que se manifesta em louvor, gratidão e submissão amorosa. A sujeição mútua, no temor de CRISTO, é o princípio geral que introduz a seção sobre o matrimônio e as relações domésticas, onde a ordem divina é revelada como um reflexo da relação de CRISTO com a Igreja.

II. O Matrimônio como Mistério de CRISTO e da Igreja (Eph. V, xxii–xxxiii)

Esta passagem é uma das mais sublimes da Escritura sobre o matrimônio. Paulo eleva a relação conjugal ao status de grande mistério, que aponta para a união de CRISTO e da Igreja. A ordem divina é clara: o marido é a cabeça da esposa, como CRISTO é a cabeça da Igreja. A cabeçaça não é tirania, mas liderança amorosa e sacrificial. O marido deve amar a esposa como CRISTO amou a Igreja — um amor que se entrega, que santifica, que purifica, que nutre e que sustenta. A esposa, por sua vez, deve responder com sujeição — não submissão servil, mas uma resposta voluntária à liderança amorosa, como a Igreja se sujeita a CRISTO. Esta sujeição é no SENHOR,

ou seja, dentro dos limites da obediência a CRISTO, e nunca em violação da Palavra de DEUS.

A analogia é profunda: assim como CRISTO ama e santifica a Igreja, o marido deve amar e cuidar da esposa; e assim como a Igreja se sujeita a CRISTO, a esposa deve se sujeitar ao marido. O matrimônio não é apenas uma instituição social; é um sacramento (no sentido de sinal e selo) da aliança entre CRISTO e a Sua Igreja. E este mistério é grande — não porque seja incompreensível, mas porque é profundo, rico e revelador da própria natureza de DEUS. A ordem doméstica, portanto, não é uma imposição cultural, mas uma ordenação criacional, restaurada em CRISTO, que testemunha o Evangelho ao mundo.

O amor do marido deve ser purificador, assim como CRISTO purifica a Igreja pela lavagem da água pela Palavra, para apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. A Igreja é apresentada a CRISTO como esposa gloriosa, totalmente santificada. E o marido deve amar a esposa como a seu próprio corpo, nutrindo-a e cuidando dela, assim como CRISTO nutre e cuida da Igreja, porque somos membros do Seu corpo, da Sua carne e dos Seus ossos.

A citação de Gênesis II, xxiv — Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa só carne — é aplicada por Paulo a CRISTO e à Igreja, mostrando que o matrimônio terreno é um tipo da união celestial. O mistério é grande, e o apóstolo o aplica a CRISTO e à Igreja, confirmando que a relação conjugal é um ícone da aliança redentora. O matrimônio cristão, portanto, não é apenas uma questão de afeto ou conveniência, mas um ato de obediência a DEUS e um testemunho do Evangelho ao mundo.

CAPÍTULO VI: A BATALHA ESPIRITUAL E A ARMADURA DE DEUS

I. As Relações Familiares e Sociais (Eph. VI, i–ix)

O apóstolo estende o princípio da sujeição mútua às relações familiares e sociais. Os filhos devem obedecer aos pais no SENHOR — uma obediência que é limitada pela vontade de DEUS, mas que, em tudo o que é lícito, é incondicional. A obediência é justa e é acompanhada de promessa: para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra (versículo iii), uma citação do quinto mandamento, que confirma a perpetuidade da lei moral como regra de vida para o crente. Os pais, por sua vez, não devem provocar a ira dos filhos com tratamento severo ou injusto, mas criá-los na doutrina e admoestação do SENHOR — com instrução e correção piedosa.

Os servos (ou empregados) devem obedecer aos seus senhores como a CRISTO, com sinceridade, temor e boa vontade. O serviço ao homem é, em última análise, serviço a CRISTO. E os senhores devem tratar os servos com justiça, deixando as ameaças, lembrando-se de que têm um SENHOR comum nos céus, que não faz acepção de pessoas. Este ensino revolucionário transformou as relações sociais, dando dignidade ao trabalho e responsabilidade à autoridade, e apontando para a igualdade espiritual de todos diante de DEUS. A distinção de funções não anula a igualdade de dignidade; todos são servos de um mesmo SENHOR, e todos responderão a Ele por suas ações.

II. A Armadura de DEUS e a Batalha Espiritual (Eph. VI, x–xx)

A vida cristã é uma guerra, não contra homens, mas contra hostes espirituais da maldade. Paulo descreve a hierarquia do mal: principados, potestades, príncipes das trevas, hostes espirituais — uma organização infernal que se opõe ao propósito de DEUS. O campo de batalha é nos lugares celestiais — a esfera espiritual onde CRISTO reina, mas onde também operam forças malignas. A luta é real, e o crente não pode vencê-la com suas próprias forças. O apóstolo exorta: Fortalecei-vos no SENHOR e na força do seu poder. A fonte da vitória não está na capacidade humana, mas na graça divina que capacita. O crente não luta em suas próprias forças, mas na força que DEUS supre.

A armadura de DEUS é o equipamento espiritual provido por DEUS para a batalha, e cada peça corresponde a uma verdade da salvação:

1. A verdade como cinto: a verdade que integra e fortalece o caráter do crente, mantendo-o firme na Palavra de DEUS. O cinto aperta as vestes soltas, permitindo movimento livre; assim, a verdade liberta o crente para a batalha.

2. A justiça como couraça: a justiça imputada de CRISTO e a justiça prática, que protege o coração contra os ataques do diabo. A couraça defende os órgãos vitais; a justiça defende a consciência e o coração.
3. O Evangelho da paz como calçado: a prontidão para anunciar a paz de CRISTO, e a firmeza de pé na certeza da reconciliação. Os pés calçados com o Evangelho permitem ao crente avançar com segurança em terreno hostil.
4. A fé como escudo: a fé que apaga os dardos inflamados do maligno — as dúvidas, as tentações, os pensamentos de desespero. O escudo romano protegia todo o corpo; a fé protege o crente contra os ataques do inimigo.
5. A salvação como capacete: a certeza da salvação, que protege a mente e a esperança do crente. O capacete defende a cabeça, onde se concentram os pensamentos; a salvação defende a mente contra as dúvidas.
6. A Palavra de DEUS como espada: a Escritura, que é a arma ofensiva do crente, a palavra viva e eficaz que penetra e vence. A espada não é apenas defensiva, mas ofensiva; é a única arma para atacar o inimigo, como CRISTO fez no deserto.
7. A oração como vigilância: a oração constante e perseverante, feita no ESPÍRITO, por todos os santos e pelo ministério da Palavra. A oração é o ato que ativa todas as outras peças da armadura, mantendo o crente em comunhão com DEUS e em alerta contra o inimigo.

O crente não luta para vencer; ele luta da vitória que já foi conquistada por CRISTO. A armadura é a provisão da graça para que ele permaneça firme, resistindo ao mal e, havendo feito tudo, ficar firme (versículo xiii). A batalha terminará com a vitória completa do SENHOR, quando Ele submeterá todos os Seus inimigos sob Seus pés. Paulo conclui com um pedido de oração pelo seu próprio ministério, pedindo que lhe seja dada a palavra certa para anunciar o Evangelho com ousadia, como lhe convém (versículos xix–xx).

III. Saudações Finais (Eph. VI, xxi–xxiv)

Paulo conclui a epístola com uma referência a Tíquico, seu mensageiro, que levará a carta e informará sobre o estado do apóstolo. A menção de Tíquico como irmão amado e fiel ministro no SENHOR mostra a comunhão que existia entre os cooperadores do Evangelho. A epístola termina como começou: com a graça — a graça que elege, que redime, que sela, que santifica, que capacita, e que conduz à glória. A bênção final é tríplice: Paz seja com os irmãos, e amor com fé, da parte de DEUS PAI e do SENHOR JESUS CRISTO. A graça seja com todos os que amam a nosso SENHOR JESUS CRISTO em sinceridade. Amém (versículos xxiii–xxiv). A paz, o amor e a graça são os dons que acompanham a fé sincera, e o Amém final é a confirmação da fé e a antecipação da consumação.

CONCLUSÃO GERAL DA EXEGESE

A Epístola aos Efésios é, em suma, a exposição do propósito eterno de DEUS de congregar todas as coisas em CRISTO, e a formação da Igreja como o Corpo do Cabeça celestial. A exegese revelou a estrutura trinitária da salvação: o PAI elege desde a eternidade, o FILHO redime na história, o ESPÍRITO sela e capacita no presente, e tudo converge para a glória de DEUS na Igreja e na consumação. A doutrina conduz à prática: a eleição leva à santidade, a redenção leva à reconciliação, a união com CRISTO leva à vida cristã, e a esperança escatológica leva à perseverança na batalha.

A mensagem de Efésios é tão atual quanto quando foi escrita. Ela confronta o individualismo com a visão eclesial, o legalismo com a graça soberana, o desânimo com a esperança certa, e a acomodação ao mundo com a armadura de DEUS. O crente, ao estudar esta epístola, é chamado a contemplar as riquezas da graça, a andar dignamente da vocação, a guardar a unidade do ESPÍRITO, e a lutar a boa luta da fé, até o dia em que DEUS for tudo em todos.

E, porque toda a realidade é existência comunicada e sustentada momento a momento pela Palavra de DEUS, o estudo de Efésios nos conduz à adoração: reconhecemos que nossa própria compreensão, nossa fé e nossa perseverança são dons da graça, mantidos pelo mesmo poder que ressuscitou a CRISTO dentre os mortos. A glória, portanto, não é nossa, mas exclusivamente de DEUS — PAI, FILHO e ESPÍRITO SANTO — a quem seja o louvor, a honra e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém.

Nascimento Editora

Submissa à Palavra — Fiel à Confissão — Serva da Verdade